

Assuntos de atualidade

Comentário em torno de uma crítica

por

Mário Bernd

Docente de Química Fisiológica da Faculdade Medicina de Porto Alegre

Da autoria do Dr. José Pedro Garcia, estampou a "Imprensa Médica" em seu numero 147, um artigo de crítica a modesta experiência minha, publicada em o numero 85 de "Laboratório Clínico". É' preciso dizer que ele me chegou ás mãos, vai para pouco, devido á gentileza do Prof. Argemiro Galvão, ilustre catedrático de Farmacologia na Faculdade de Porto Alegre.

Pensava eu que meus desprezíveis escritos, nem sequer chamavam a atenção a ponto de serem lidos ou, muito menos, criticados.

A honra que me prodigalizou o Dr. José Pedro Garcia, do Rio de Janeiro, consistiu, pois, em demonstrar que, pelo menos um dos meus comunicados á imprensa, mereceu de sua perspicácia, os comentários aludidos.

Não tenho o prazer e a glória de conhecer o ilustre Dr. José Pedro Garcia, do Rio de Janeiro. Apesar de ocultar avaramente seus encargos, vejo que faz preceder seu nome por duas letras e um ponto: Dr. Poderia tratar-se de um médico? É o que vamos verificar. — No entanto, esse título de Dr. com que sobredoura sua personalidade, deverá significar alguma coisa, pelo menos presumivelmente.

Esse termo provém do supino do verbo — docére — que, em latim, quer dizer — ensinar.

Em outras palavras, o indivíduo que apresenta esta credencial deverá ter-se formado em qualquer coisa, deverá ter estudado não sei o que, mas de modo suficiente para ensinar o que aprendeu.

Mas, por minha fé, que não cheguei a vislumbrar esse "quid" ao fazer picada por através de suas tres colunas de revista...

Não pude perceber-lo, nem quantitativa, nem qualitativamente.

E, si não, vejamos! Analisemos! Dissequemos! Não deixemos pedra sobre pedra do monumento piramidal de sapiência e equilíbrio, erigido pelo Snr. Dr. José Pedro Garcia do Rio de Janeiro...

Diz, no introito, que meu artigo, por certo, sofreu mutilação no ato de ser composto. Como está, acrescenta, não tem sentido e leva a quem o lê, a fazer juízo errado de seu autor. — O leitor mais desprevenido fica esperando, naturalmente, que o ejetor de vocabulos tão volumosamente

claros, prove, demonstre a procedencia dos mesmos, isto é, indique a mutilação ou melhor, aponte o logar em que supõe residir o assim chamado truncamento.

Mas, que é que contemplamos após esta entrada espalhafatosa? Nada mais do que afirmações gratuitas de deslises e descuidos, sugestões falsas, interpretações dubias e aleivasas.

Mas, como pôde dizer isto o illustre Dr. José Pedro Garcia do Rio de Janeiro? Si acha verdadeiramente que o meu artigo não tem sentido, que está truncado ou com mutilações, não lhe passará pela cachimonia não poder entrar em discussão, nem taxar como o fez de mais do que muito rudimentar ou de que pudesse levar a quem o lê a fazer juizo errado do autor?

Que outra consideração se pôde fazer sobre cousa que não tem sentido, a não ser justamente que não tem sentido? Quer-me parecer que não têm sentido, são as suas proprias palavras...

Bastaria esta advertencia para atestar o ilogico, a improcedencia, a infelicidade, a autodestruição do plumitivo, em sua propria estréa critica!

Como ,porém, a leitura isolada dos incriminados deslises, poderia causar impressão exteriormente e ser explorada por "soi-disants" sapientissimos, verdadeiras caixas de Pandora do saber humano, monopolios da ciencia que olham o mundo de soslaio e com muchochos floridos em seus labios grotescos, urge, qual teratologista, ponha á calva os ornamentados monstrenhos, parturidos pela montanha cerebral do illustre Dr. Pedro Garcia do Rio de Janeiro.

I

Antes do mais, percebe-se que o dr. nortista não entendeu a finalidade e essencia da minha pequena experiencia.

Em resumo: aleguei maior ação anti-toxica para a estriecinina, do carvão animal do que o vegetal. — Lembrei o papel do calcio nas convulsões

Como a origem do carvão animal é ossea, e este é rico em calcio, quis verificar "in anima vili" si a associação previa de estriecinina a sais de calcio, inibia ou diminuia a ação envenenante desse alcaloide.

Ceguei a conclusão contraria nos termos do ensaio. Este é o facto. Que é que diz a isto o Snr. Dr. José Pedro Garcia? Cita uma porção de trechos dos livros e aulas do eminente Prof. Pedro Pinto, de maneira completamente fóra de proposito e sem applicação nenhuma ao caso.

Si pensou que fazia propaganda barata das obras desse grande mestre, enganou-se redondamente. O Prof. Pedro Pinto, com certeza, dispensar-lhe-ia totalmente esse desserviço.

E ainda não se peja de dizer que era monitor, com certeza "malgré lui", na catedra desse inelito cientista.

Monitor, quer dizer, em latim — admoestador —. Melhor fôra que se admoestasse a si mesmo, fizesse mais autocritica, para não desempenhar tão triste figura, perdendo bôa ocasião de ficar calado.

Referindo-se ao poder absorvente e adsorvente do carvão animal, cita a autoobservação de um pharmaceutico que deglutira em 1830

um grama de estriçnina de mistura com 15 gramas de carvão, sem prejuizo nenhum.

Que quer concluir o illustre Dr. José Pedro Garcia?

— Que em 1830 já se sabia tudo quanto hoje se conhece relativamente ás propriedades do carvão, com certeza até electrocapilaridade...

Mas, que tem de vêr isso com minha lucubração?

Ah! Isto prova que ela, para o snr. Dr. Pedro Garcia, foi mais do que muito rudimentar, pois nela se fazia referencia lateral e á guisa de introito a esse facto... aliás, já conhecido pelo mesmo Dr. José Pedro, como o sugere, desde a vida intrauterina, ou, quem sabe, antes...

II

Continúa o Dr. J. P. Garcia: "Ainda é de extranhar-se, no artigo do professor sulista, a expressão "catalise por adsorção".

— Ha individuos que extranham tudo. Admiram-se até de como ha arvores no mato... de palacios, etc.

A unica arma digna de torneio intelectual é a vergasta luminosa da verdade.

Para que o Dr. José Pedro Garcia a sinta com toda a eficiencia, si não estiver paquidermizado por intenções segundas, é que simplesmente, a esmo irei citar livros que empregam a expressão "catalise por adsorção" ou a subentendem:

a) *Lehrbuch der physikalischen Chemie in Elementarer Darstellung* von Dr. John Eggert, Professor an der Universität Berlin, III edição — Leipzig 1931, pg. 287:

"*Die Adsorptions-Katalise. Energetische Beziehungen.*"

Este livro, no original alemão traz duas paginas inteiras em que fala na *catalyse por adsorção*.

Tenho tambem em casa a tradução italiana da segunda alemã. Nela á pagina 284 trata-se de *catalisi d'adsorbimento*.

b) *Los Fundamentos Fisicoquimicos de la Biologia*, por Eichwald e Fodor, trad. do alemão por Palacios (Madrid), 1922, Calpe), pg. 464: *Adsorción en la catalise*.

c) *Vignéron. Précis de chimie Physique* — Masson — Paris 1924 — Pg. 96: Rôle possible de l'adsorption dans la catalyse.

d) *Kopaczewsky, Colloides*, pg. 258: Adsorption, applications: e) *Catalyse*.

e) *Pozzi-Escot: Physico-chimie*, pg. 130: *Catalyseurs: L'état physique semble être beaucoup plus important que l'état chimique; la division joue surtout un grand rôle...*

f) *Ostwald: Eléments de Chimie Inorganique*, pg. 520, tomo I... (a proposito do carvão animal): *Aux actions dont nous venons de parler s'en rattache une autre: c'est l'influence catalytique qu'exercent les corps à surface très considerable, en particulier sur les reactions entre gaz. Ainsi la présence de charbon accélère beaucoup l'oxidation par l'oxigène libre d'un grand nombre de matières. De même, entre des gaz qui, dans les conditions données ne réagissent entre eux que lentement, on peut grâce au charbon, déterminer des réactions vives...*

g) *Macleod, Physiology and Biochemistry in Modern Medicine*.

Pg. 65. *Surface tension:*

Before we consider a very important property of colloids known as *adsorption*, by means of which they are able to *perform many reactions*.

Pg. 67. Every-day Reaction, Which Depend on Adsorption.

Seria o caso de perguntar ao Dr. J. P. Garcia qual é a noção que tem sobre catalisadores.

— O proprio exemplo catalitico aduzido, da transformação do acido oxalico em anidrido carbonico, explique o Snr. Dr. J. P. Garcia sem a ação da superficie, sem o fator previo da adsorção!

Demais, é tendencia das mais recentes entre os maiores fisico-quimicos do mundo (entre os quais Freundlich, na Alemanha) atribuir á adsorção papel quasi exclusivo no determinar dos fenomenos cataliticos universais.

III

Continúa o Dr. José Pedro Garcia:

“Mais um descuido da nota em apreço reside no pensar, seu autor, que os carvões contemham sais de calcio. Pode conter o carvão animal antes de ser lavado. O que se emprega como absorvente e catalisador é lavado em acido cloridrico, depois em agua que carrega todo o calcio e seco em estufa a 110°”.

Não poderia ter havido maior leviandade da parte de José Pedro Garcia do que nas frases acima.

Com isso fica patenteado que sua especialização pretensa em farmacologia se reduz a esforço esteril.

De outra forma deveria prever que a lavagem pelo acido cloridrico, segundo manda o Codex, jamais extrairia todo o calcio do carvão animal.

O Codex preceitúa lavar um quilograma de carvão animal com um litro de acido cloridrico.

1 kgr. de carvão animal tem pouco mais ou menos 800 grs. de fosfato trocálico e 80 ditas de carbonato de calcio.

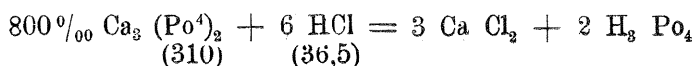
Isso corresponde a 342 gramas de calcio metalico.

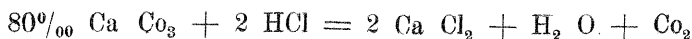
Para transformar esse calcio em cloreto de calcio, são precisos 624 grs. de acido cloridrico em natureza.

Ora, o que se chama acido cloridrico do comercio não tem mais do que trinta e tantos por cento de acido cloridrico em natureza (H Cl).

Logo, um litro de acido comercial comportará trezentas e tantas gramas de HCl, o que será insufficiente para carrear todo o calcio sob forma de cloreto de calcio.

Isto, sob o ponto de vista teorico. Porque, sob o ponto de vista pratico, a lavagem com acido cloridrico podia levar-se muito longe sem conseguir extirpar todas as particulas de calcio existentes no carvão.





$$\begin{array}{r|l} 310 - 219 & 100 - 71 \\ 800 - x & 80 - x' \end{array}$$

HCl 30% 1000 carvão — x + x, grs. Hel.
300— 1000 acido cloridrico comercio x + x' —

E a prova mais concludente de que um trabalho meticoloso não chega a retirar *todo o calcio* do carvão animal, reside nas dosagens de calcio realizadas nesse mesmo carvão mas para analise e da Casa Merck, de Darmstadt.

Esse carvão é dito isento praticamente de calcio. No entanto o resultado das dosagens atestou existir nesse carvão a taxa de treis decigramas de calcio por kgr.

Como o Dr. J. P. Garcia, hallecinado por sua peregrina cultura, anda desconfiando de pasteis tipograficos, impureza de reativos e não sei o que mais, urge que eu diga ter recebido amostra desse carvão Merck "pro analysi" da Directoria de Higiene do Estado, por intermedio do illustre amigo Henrique de Oliveira.

Cumpre, outrosim, declarar que essas dosagens como outras sobre as quais falarei, pelo mesmo citado motivo executei com especie de testemunha, no Instituto de Quimica Industrial desta cidade, o Dr. Bernardo Geisel.

O processo usado foi o seguinte:

Incinerámos 5 grs., 0563 de carvão "pro analysi".

Tratámos a cinza com acido cloridrico.

Diluímos a 250 cc.

Filtrada a solução através dum filtro seco, retirámos 25 cc. que neutralizámos com amonia, acidificámos com acido acetico, precipitando o calcio com oxalato de amonio em temperatura de ebulição.

Após repouso de uma noite, filtrámos, lavámos com agua quente e tratámos o oxalato de calcio com acido sulfurico diluido.

A solução obtida foi titulada com permanganato de potassio N/10 (fn = 1,0037) = 0,75 cm₃.

$$\text{Calculo: } \%_{00} \text{ Ca} = \frac{0,75 \times \text{fn.} \times 0,002004 \times 1000}{5,0563} = 0\text{gr. } 3\%_{00}$$

Si o proprio carvão animal *para fins analiticos*, da fabrica mais reputada do mundo, contem calcio, que se esperaria dos outros carvões para *fins terapeuticos*?

Submetemos a exame o carvão animal purissimo da mesma "Casa Merck", chamado "Ultracarbon" para fins medicamentosos.

Procedemos com 4 grs., 6425. Seguimos em tudo a mesma tecnica da primeira dosagem. Dosámos o calcio em 150 cc. dos 250 a que foi diluida a solução da cinza. Gastaram-se 2 cm.₃,30 de KMn 04 N/10 (fn. 1,0037).

$$\frac{2,30 \times \text{fm} \times 0,002004 \times 250 \times 1000}{150 \times 4,6425} = 1,66\%_{00}$$

Embora estes resultados fôsem mais do que suficientes para deixar prever que o carvão animal simplesmente lavado como determina o Codex deveria ter quota enorme de calcio, por simples curiosidade decidi-me a pesquisá-la.

Utilizei carvão animal *não lavado* da firma *Poulenc Frères*, comprado na *Farmacia Fischer* desta capital.

Efetuuou-se a lavagem rigorosamente como taxa e ordena o Codex.

Pois bem! Foram incinerados 5 grs., 3880 desse carvão lavado. Do-sámos como antes o calcio em 25 cc. dos 250 cc. a que diluimos a solução clorídrica da cinza, gastando 38 cm.³, 10 de KMnO₄ N/10.

$$\text{Calcio} = \frac{38,10 \times \text{fn} \times 0,002004 \times 250 \times 1000}{25 \times 5,3880} = 142 \text{ grs. } 22$$

por kgr. de carvão animal lavado.

Mas o Snr. Dr. J. P. Garcia disse que mais um descuido meu consistia em julgar existir calcio no carvão animal lavado...

Mas a conclusão outra a que cheguei, foi que todas as farmacias onde comprei *carvão animal para fins terapeuticos*, o vendiam sem estar lavado. Isso digo pela quantidade enorme de calcio encontrada nos especimes (de 200—300 grs. %).

IV

Continúa o Dr. J. P. Garcia:

“Além do deslize de supor que ha calcio nos carvões, ha o de assimilarem-se as convulsões produzidas pela estrienina aos ataques epilepticos. A convulsão estrieninica é de origem medular e a epileptica é cerebral e corre por conta de uma irritação da cortex.”

—No principio destes comentarios eu pergutava si aquele “Dr.” com que fez preceder seu nome o meu inteligente zoilo, poderia pertencer a um medico.

Agora, nestas alturas, e com tais quixotadas, pode-se pensar que o Snr. Dr. J. P. Garcia é tudo, menos um medico. Pois, mais do que muito rudimentar fosse a cultura desse colega não poderia concretizar tanto disparate como acima se vê.

Antes do mais é necessario frisar que muitas causas diferentes podem determinar efeitos identicos. Além disso, ao se estabelecer uma comparação, similitude, semelhança, assimilação entre dois fenomenos pode-se ter em vista um entre muitos aspétos, um dos varios pontos de vista, uma das diversas facetas do mesmo prisma integral de ambos.

E’ o que aconteceu no meu relato.

Estava em jogo o quadro estereotipado da epilepsia e do envenenamento estrieninico.

Não ha duvida nenhuma que esses dois estados podiam ser estudados paralelamente, comparados, sob varios modos. Por exemplo, quanto á etiologia, quanto á patogenia, quanto á séde dos sintomas, etc.

Ora, é transparente que sob o ponto de vista dos fenomenos musculares (rigidez, convulsões), eles (esses dois estados morbidos, se asseme-

lham perfeitamente. Ficou, por outro lado evidente que no meu relato, essa foi una das minhas comparações.

O Snr. Dr. J. P. Garcia compreendeu-o (?), mas quis demonstrar que podia falar anatomicamente (alguns farmaceuticos gostam muito de mostrar que anatomia e quejandas não são só os medicos que sabem. Que sabem? Ora, ha muito farmaceutico que dá quinau e pancada em esculapetes sobre questões não só de anatomia, histologia, arte de formular, terapeutica, mas até de patologia e clinica)....

O outro terreno comparativo para onde quis eu levar a questão, foi o estudo das perturbações humorais, mórmente o do disbolismo calcico.

Neste ponto o Snr. Dr. J. P. Garcia percebeu. Ou melhor, sem o saber, deu mostras, linhas na frente, que se contradizia, creio eu em seu abono, pelo "brilho" de idéas, antes do que por malignidade.

Linhas na frente, citando Pedro Pinto, diz: "O papel do *ionte calcio* nas convulsões é coisa liquida. Os sais de calcio impedem, diminuem ou suprimem a tetania estriecinica."

"Nos coelhos castrados machos ou femeas ha accumulo de calcio no organismo e depois de castrados difficilmente se obtem a convulsão estriecinica."

— Ora, eu falei no meu relato sobre o papel anticonvulsivo dos sais de calcio na epilepsia. Citei casos clinicos de experiencia pessoal.

O mesmo Dr. J. P. Garcia, aliás, tem acompanhado outros artigos meus escritos sobre assunto correlato no "Laboratorio Clinico".

Portanto, fica diafano que foi sob esses dois pontos de vista que assimilei o estudo dos ataques epilepticos e das convulsões estriecinicas.

Mas, como bom farmacologista, quis o Dr. J. P. Garcia revelar que seus conhecimentos pletoricos não podiam caber tão sómente entre as quatro paredes da ciencia de Vulpian, Zunz, etc.... Tambem podiam espaiar-se pelos campos da anatomia e da propedeutica, etc....

Estas afirmações do Dr. J. P. Garcia expendem quanto ele anda afastado até de oitiva, acerca do estudo da epilepsia experimental.

Os trabalhos datam desde 1864, com Marcé e após, Magnan etc....

Os toxicos empregados foram a pierotoxina, estriecina, absinto.

Chegam a falar em epilepsia absintica. E depois de trazer Pagniez o resultado de inumeraveis observações, diz á pagina 19 de seu livro sobre epilepsia:

"Elles permettent de se demander si l'épilepsie essentielle ne relève pas de la mise en jeu d'un mécanisme analogue, en vertu d'une action toxique qu'il reste à déterminer."

— Logico, como é o Dr. José Pedro de Garcia, devia tambem, e, com certeza, incrimina de deslise a essa declaração de Pagniez, pois conforme ele, J. P. Garcia, isso não passaria de uma identificação total dos ataques epilepticos ás convulsões estriecinicas, sem tirar nem pôr. E seria preciso lembrar ao Dr. Pagniez que são de origem cortical e estas são de engendramento medular...

Mas os factos não obedecem a causas tão esquematicas, tão exclusivas.

A propria frase do ilustre Prof. Pedro Pinto já o fazia vêr em sua clareza meridiana:

"Os sais de calcio impedem, diminuem ou suprimem a tetania estriecinica."

Esta assertiva vem demonstrar a procedencia da designação que dei ao calcio de *blindagem antitoxica* do sistema nervoso e do estudo sincronico dos dois estados morbidos sob o ponto de vista do metabolismo do calcio.

Hoje é facto incontestado que temos casos de epilepsia sem nenhuma lesão cerebral.

Pagniez diz á pagina 190 do livro citado: ... il y a dans le mécanisme intime de productions des accidents epileptiques une part considerable et probablement prépondérante au facteur humoral.

A' pagina 40: *Quant au mécanisme intime de ces accidents, il nous échappe absolument.. Deux théories se sont proposées jadis d'interpréter les phénomènes: une theorie bulbaire qui plaçait l'origine des accidents dans le bulbe, une théorie corticale qui la situait au niveau de l'écorce mais toutes deux admettaient l'hyperexcitabilité comme substratum indispensable.*

A pagina 41: ... *L'épilepsie est dans nombre de cas liée à la présence de lésions. Celles-ci n'ont pas de caractère spécifique, soit de localisation, soit de nature.*

Leur intervention dans la pathogénie des accidents comitiaux est certaine, mais il n'est pas démontré qu'elle soit ni constante ni indispensable.

Desde os trabalhos e luminosas lições de Annes Dias em 1921 "et sequentes" sobre tetania, epilepsia, azotemia convulsiva, eclampsia, síndrome hipoglicêmica espontanea ou provocada, orientei minha atenção para o estudo metabolico dessas entidades morbidas.

Em minha tese inaugural sobre o metabolismo do calcio e creatinina confirmei clinica e experimentalmente a ilação do grande Mestre, de que havia um fundamento humoral quasi constante na estrutura morbida dessas entidades convulsivas, a saber: a calcipenia com hipercreatininemia, como razão suficiente do fenomeno muscular.

Essas noções popularizam-se tanto em nosso meio que já passam a corriqueiras.

Quanto á afirmação pontifical e dogmatica do Snr. Dr. J. P. Garcia sobre a exclusiva origem medular das convulsões estriatinicas, posso opor o que diz Edgar Zunz em 1932, nos seus "*Éléments de Pharmacodynamie Espéciale*", á pg. 296: *L'action de la strychnine ne se limite à la molle épinière; cet alcaloïde agit de façon analogue sur la moelle allongée.*

Action sur le cerveau: Elle est très faible. L'aire motrice paraît un peu plus excitable.

Quanto á acção decisiva sobre o cerebro são mais categoricas e expressivas as observações assinaladas por Pagniez á pagina 15 do já mencionado livro:

"Une hyperexcitabilité de même ordre mais localisée se manifeste chez les animaux qui ont été saumis à une irritation directe de l'écorce par la strychnine. Amantea a montré que lorsqu'on excite par la strychnine un point déterminé de la zone corticale motrice, on voit apparaître au niveau du groupe musculaire correspondant des secousses rythmiques se succédant pendant 20 à 30 minutes avec une intensité et une fréquence variables. Si l'on cherche à en modifier le rythme par des exci-

tations périphériques, on voit qu'à chaque centre strychnisé correspond une zone cutanée hyperesthésique dite "zone réflexogène", dont un groupe des muscles, puis rapidement diffusées et reproduisant tout le tableau de l'épilepsie partielle ou généralisée.

Como não é só o cortex a séde original do ataque epileptico no caso de lesões em fóco, ainda posso aduzir a síndrome de Lundborg e Unverricht que compreende ataque epileptico sendo as lesões situadas nos nucleos da base do cerebro.

V

Prossegue o Dr. J. P. Garcia:

"E" mais do que muito rudimentar a experiencia do Dr. Bernd, se sua exposição não foi mutilada pelo tipografo e foi precipitada a conclusão.

Não verificou si a estriçnina era pura e decerto não era. Vi, durante o tempo em que fui monitor de Farmacologia, no curso do Prof. Pedro Pinto, muito experimento com a estriçnina e nunca ouvi dizer que, com a dose indicada morresse o cão em dois minutos.

Repeti muitas vezes por dever de officio, pela minha posição de auxiliar didactico, as experiencias de Gaglio com doses grandes. Copio palavras da "Farmacologia Geral" do prof. Pedro Pinto: "Gaglio injectou nas veias de cães de porte médio, doses de estriçnina que variaram de cinco a dez centigramas. Depois de apresentarem periodos de fortes convulsões, entraram os animais numa fase de sono. Deixou então de ser necessaria a respiração artificial; voltou o animal a respirar de maneira espontanea e regular (o grifo é meu).

Repetindo as injectões e aumentando muito a dose (chegou a injectar 80 centigramas em cada animal) a *praticando a respiração artificial*, notou Gaglio, a principio convulsões, depois a fase de sono e, postumo, a passagem deste estado ao de paralisia, durante a qual observou que os isquiaticos perderam pouco a pouco a excitabilidade, a tal grau que, applicada uma corrente electrica de forte tensão, num ponto de seu trajecto, não determinou contracção muscular, ao passo que os musculos continuaram directamente excitaveis e o coração a bater de modo regular (pag. 135).

Em resumo J. P. Garcia não pode admitir a minha experiencia pela qual um cão de 6 kgrs. morreu em dois minutos com a ingestão de uma dose cem vezes mortal de sulfato de estriçnina.

Porque não admite? Porque acha que o cão não morreria com a dose indicada em dois minutos. Quaes as razões alegadas para tal negação?

1) Porque viu muito experimento por dever de officio e nunca ouviu dizer isso.

2) *As experiencias de Gaglio.*

1) Pela simples redacção do primeiro motivo, immediatamente se percebe má fé ou estupidez.

J. P. Garcia viu muito experimento e nunca ouviu dizer que o cão morresse...

J. P. Garcia viu que cousa? Experimento? Que experimento? Com a estriçnina? Porém não viu o resultado. Viu a primeira ou a segunda parte e foi embora... Ele não ouviu dizer que o cão morresse...

Mas estarei lidando com gente normal?

Então um J. P. Garcia abalança-se a contestar pela imprensa um facto científico pela simples razão de que nunca ouviu dizer?!...

Mas onde estamos? E ha revistas que aceitam tais contribuições científicas?

Eu logo vi que J. P. Garcia só podia ter sido Monitor de Farmacologia no Rio á revelia de seu catedrático.

Para o Snr. J. P. Garcia qual é a dose que mata em dois minutos? Ou em que tempo deveria morrer o cão de 6 kgrs. que ingerisse 45 centigramas de sulfato de estriçnina?

Sobre isto com certeza nunca ouviu ninguém dizer nada. Nem o seu bestunto lhe sugeriu alguma perguntazinha...

Para eu provar a J. P. Garcia cientificamente que existia calcio no carvão lavado, cousa desnecessaria e certa para cerebros equilibrados, realizei experimentos que muito trabalho, paciencia e tempo me consumiram.

O Snr. J. P. Garcia do alto de seus tamanquinhos, para me aniquilar de vez com muita entonação e filáucia diz num accesso copremetico: "Isso é mais do que muito rudimentar, não é verdade, foi truncado pelo tipografo, era impura a estriçnina!"

2) *As experiencias de Gaglio.*

O leitor por mais desprevenido que esteja, imediatamente percebe que das experiencias descritas, de Gaglio, não se pode extrair nenhuma conclusão para infirmar o meu experimento.

Isto é transparente até para individuos que no mato não enxergam arvores.

Gaglio, cujo livro tenho em casa, e como muito bem cita J. P. Garcia, usou em todos os casos alegados a respiração artificial.

Ora, como poderia o Snr. J. P. Garcia exigir resultados identicos de condições experimentais tão diversas?

Que logica se pode supor existir em investigador dessa laia? Que fé nos podem merecer suas experiencias, seus escritos?

E é o Snr. J. P. Garcia que, após essas belezas vem dizer que a minha estriçnina era impura?

Sem apresentar o menor vislumbre de prova em contrario, com argumentação graciosa, tem a petulancia de irrogar impureza no re-agente!

Ainda que o formidavel J. P. Garcia tivesse realizado experimentos com dados categoricos e o maior rigor científico ou invocasse experiencias identicas executadas por individuos idoneos, ainda assim, no caso de discórdancia, poder-se-ia julgar que a causa residisse no cão (idiosincrasia, doença).

Mas isto o ilustre e lealissimo sabio J. P. Garcia não seria capaz de imaginar.

A estriçnina devia ser impura...

Essa impureza naturalmente devia ser extremamente mais toxica do que a propria estriçnina para abreviar a morte do cão.

De que natureza seria ela?

Si existisse tal impureza, notavel fôra que durante e após oito anos que empreguei o alcaloide adquirido na Farmacia Fischer, aliás esta-

belecimento do mais alto conceito, nada eu tivesse sabido quanto a acidente relativo, pois ele, o alcaloide, foi retirado do mesmo recipiente para uso terapeutico.

Impuro, Snr. J. P. Garcia, é o sangue que lhe corre no cerebro! Talvez o preparado de Ehrlich lhe convenha um tanto!

Um experimento que nunca foi realizado pelo Snr. J. P. Garcia e que deu ao mesmo *tanta ocasião de brilhar*, é considerado por ele mais do que muito rudimentar...

VI

J. P. Garcia pergunta porque me referi á osseina, completamente alheia ao assunto.

Como fui eu mesmo que disse não interferir em nada a osseina na experiencia, é curial ser *mais alheio ao assunto J. P. Garcia do que a propria osseina*.

Espero que "Imprensa Medica" não seja tão indulgente como foi com essa colaboração, pois de outra fórmula, nem o rio Alfeu será suficiente para as purificações lustrais...